

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

PPGMS / DEPARTAMENTO DE LETRAS

TÍTULO do Projeto de Pesquisa

**- UMA COMUNIDADE DE MEMÓRIAS INFRALEVES -
JOÃO BARRENTO, MARIA FILOMENA MOLDER E
RAUL ANTELO: LEITORES DE WALTER BENJAMIN**

GRUPO DE PESQUISA: Linguagem, artes e política

PROFESSOR RESPONSÁVEL: Manoel Ricardo de Lima Neto

REGIME DE TRABALHO: 40h / DE

ÁREA DE CONHECIMENTO: Letras e Artes

Rio de Janeiro – RJ
abril / 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa – PROPG

1. RESUMO

A ideia deste estudo modula-se numa tentativa de articular, como possibilidade política e teórico-conceitual, uma seriação imprevista da leitura crítica que os três críticos e pensadores referidos fazem de Walter Benjamin entre a língua portuguesa, algo das literaturas portuguesa e brasileira e a América Latina. Perseguindo um vórtice entre ideias descentralizadoras que vêm, primeiro, de procedimentos de “montagem aguda”, “proximidade absoluta” e “olhar com todo o corpo” que se projetam no presente entre a crítica e a imaginação para rereleitura a proposição de uma recusa obstinada de todas as forças de homogeneização e de não-reconciliação, sugeridas por Walter Benjamin, para confrontar alguma inferência de nosso contemporâneo imediato quase sempre inserido num modelo cultural que tende a subjugar a literatura e a arte aos sintomas da indústria e suas regras de fabricação. Interessa assim, nesse percurso de trabalho, pesquisa e estudo, rereleitura e rearticular alguns procedimentos de Walter Benjamin que se desdobram no pensamento crítico e nos trabalhos desses seus três leitores para, sobremaneira, tensionar também o espaço-tempo do presente com a espessura de uma ficção-crítica, entre excesso e exceção, e de algumas imagens e memórias que cada um remonta na composição do que podemos tomar como elaboração possível de uma geografia imaterial e de uma arquivologia que se contraponham aos usos absolutos e inflacionados das línguas e das imagens em seus estatutos nacionais de fronteira e em suas memórias institucionalizadas, fixas e manipuladoras. Pensar numa possibilidade produtiva que consiga traçar novos sentidos de articulação crítica: ler no leitor e não apenas no autor. Desse modo, espera-se a contribuição de outras leitoras e outros leitores, deliberados e imaginados, que possam surgir a partir das pesquisas e contribuições de orientandas e orientandos.

2. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

No ano 2000 a crítica argentina Beatriz Sarlo reuniu num pequeno livro editado pelo Fondo de Cultura Económica alguns ensaios em torno do pensamento de Walter Benjamin: **Siete ensayos sobre Walter Benjamin**. Em 2013, o crítico e tradutor português do pensador alemão, João Barrento, publica no Brasil, editado pela Universidade Federal de Santa Catarina, EdUSFC, sob minha coordenação editorial, um livro que reúne também, numa coincidência, sete ensaios engendrados para algumas questões fundamentais do autor de **Das Passagen-Werk: Limiares sobre Walter Benjamin**. A partir do primeiro impasse sugerido por um ensaio de Sarlo daquele livro, *Olvidar a Benjamin*, de que a academia tende a generalizar tudo o que toca e a promover processos de decomposição que foram introduzidos pelas ditaduras militares no continente latino americano e, em particular, caso que ela

indica, na Argentina, inferindo assim uma normalização do saber seguindo as regras fixas da academia, termina por apontar para uma “moda Benjamin” que é elaborada sempre parodicamente. (2000, p. 78) De outro modo, anos depois, João Barrento, a primeira ponta desse plano de pesquisa e estudo, estica o procedimento de Benjamin e convoca a uma afirmativa do sentido de decomposição propondo ler o que vem entre enigmático e luminoso, móvel e dessemelhante, oblíquo e prismático, numa ideia de *limiar* que, quase de maneira intransmissível, só pode ser lida rigorosamente no presente, “do ponto de vista do presente”. (2013, p. 13) Assim, aposta numa série alargada e abrangente sugerindo que Benjamin é o arquiteto de “uma sabotagem construtiva”, um “revolucionário do silêncio”, um “profeta para a posteridade” ou “um visionário no mundo burguês” (2013, p. 63), o que lhe retiraria dessa generalização de uma “moda Benjamin” lançando-o a uma exigência, ou a uma emergência, que seria a de lê-lo sob a oscilação severa e contaminante daquilo que ele jamais sequer escrevera.

Nesse contraponto inicial, temos, ao mesmo tempo, um enlace e um desenlace, do que ainda podem ser algumas leituras de Walter Benjamin agora, nesse presente, ainda mais quando se trata de um vórtice produzido por um pensamento em espiral: quando as pontas dessa linha, ou desse procedimento, tendem a um começo que vem do infinito e a um termo que também tende ao infinito. No texto publicado em 1931, *Sobre a faculdade mimética*, ele remete a uma perspectiva aberta que nos parece seminal ao seu procedimento: o de que é o ser humano que tem a capacidade máxima de produzir semelhanças, um dom para ver as semelhanças, entre os sentidos filogenético e ontogenético. E toma como exemplo, para isso, os jogos infantis. Benjamin sempre manteve um verdadeiro fascínio pela criança e seus modos de imitação e expansão, daí advêm também suas preocupações com o ensino e a educação com uma formação que contrariaria as práticas burguesas e poderia construir uma nova memória. Tanto que entre 1929 e 1932, Benjamin manteve um programa de rádio para crianças, **A hora das crianças**, antes já estendera esses planos com os textos reunidos em **Rua de mão única** (1928) e, depois, seus ensaios reunidos entre a criança, o brinquedo e a educação, sempre propondo práticas liberadoras e desburocratizadas contra a estratégia de mercantilização do conhecimento preocupada em formar apenas especialistas. Na criança, para ele, há um modo de estar no mundo, lançar-se ao mundo, entre o olhar e todo o corpo, ou olhar com todo o corpo, atrair-se pelo mundo, que é inteiramente mágico. Daí que ele proponha ler o presente, através da materialidade da linguagem e sua obscuridade canônica, mas no que chama de “semelhanças não-sensíveis”; diz ele que essas semelhanças é que podem traçar uma ligação entre a fala e o que ela tenta dizer, entre o escrito e que ele pode significar e, ainda, entre o falado e o escrito. E afirma, como articulação imaginativa desse procedimento:

‘Ler o que nunca foi escrito’. Esta forma de leitura é a mais antiga: a leitura antes de toda a linguagem, a partir das entranhas, dos astros ou da dança. Mais tarde apareceram instrumentos intermediários de novas formas de leitura, runas e hieróglifos. Tudo indica que foram estes os estádios que permitiram a entrada na escrita e na linguagem daquele tom mimético que em tempos fora o fundamento das práticas ocultas. Assim sendo, a linguagem seria o grau mais elevado do comportamento mimético e o mais completo arquivo de semelhanças não-sensíveis: um *medium* para o qual migraram definitivamente as antigas forças da ação e da ideia miméticas, até ao ponto de liquidarem as da magia. (BENJAMIN, 2015, p. 59)

Entre o que toma como “velocidade da escrita” e “leitura potente”, a sugestão radical de “ler o que nunca foi escrito”, num *medium*, pode ser aberta e reaberta na constituição de uma comunidade de leitores que tenta lê-lo na sua possibilidade do impossível, mínima e máxima ao mesmo tempo, e que pode possibilitar o gesto da “passagem do reino lógico dos conceitos para o reino mágico das palavras”. (BENJAMIN, 2016, p. 301) Ou seja, a possibilidade de imaginar outra vez – através de um trabalho de leitura que se dá no corpo e com o corpo diante de um rigoroso modo de proceder, o de Benjamin, que preza pela inaparência, pela imaterialidade, para desmontar o manual, a instrução, entre ausência e esquecimento – e de armar outras matizes contra o ordenamento histórico linear ainda tão forte nesses tempos de agora para a manutenção de certos imperativos de poder e controle.

Assim, seguindo uma disposição a um *caráter destrutivo, como destruir a destruição* (uma ideia que é retomada mais recentemente pelo pensador italiano Giorgio Agamben em alguns ensaios de seu livro **Infância e história**, ver bibliografia), é que Benjamin reclama uma potência para um pensamento que faça rejuvenescer: arejar, romper, abrir caminhos ou, como indica no seu texto acerca de uma “ciência da literatura” (1931) que “nada renova tanto quanto o esquecimento” (BENJAMIN, 2015, p. 27). Algo como se estivéssemos numa tentativa de ler o presente o tempo inteiro pautados por aquilo que vem da montagem de superfícies e perdendo as possibilidades de que a experiência ainda possa romper essa montagem lançando também sobre ela um jogo de *interfícies*. Este último conceito, que diz muito da ideia benjaminiana de que a história é uma sucessão de catástrofes, aparece numa série de ensaios de Raúl Antelo, o crítico cultural e professor “argentino-brasileño”, como prefere ser lido, nesse limiar, quando se apropria e incorpora o pensamento de Walter Benjamin sugerindo assim uma modulação, e um esgotamento, para reagir engendrando o que chama de “uma máquina afileológica”: a história numa imaterialidade da literatura e da arte e não a literatura e a arte em mais uma materialidade da história. Ou seja, numa *arqui-filologia*: colocar em contato dados

distantes, por sua vez, não-aparentados, para que se produza um choque entre eles e nunca uma história autoconsciente, mas sim um relato deslocado, fora de si, no qual a linguagem se esquece de si mesma, como uma espécie de memória inaparente que advém de séries imprevistas e heterogêneas.

Nesse mesmo empenho, Maria Filomena Molder, filósofa e crítica portuguesa, move ainda uma outra sugestão de leitura do pensamento e do procedimento de Walter Benjamin num jogo de múltiplos e sem centro apresentando-o, antes de mais nada, entre a química e a alquimia, como *um outro* daquele já conhecido exímio leitor de Charles Baudelaire: **O químico e o alquimista – Benjamin, leitor de Baudelaire** (2011). Ela diz, por exemplo, refazendo o gesto do texto *Um anjo de natal* (do livro **Infância Berlinense**, de Benjamin), que para o pensador alemão todo o princípio da filosofia e da crítica se anuncia num momento decisivo diante da presença daquilo que enquanto vem, feito um anjo, também se desvanece. E afirma que “em Benjamin todo o conceito há-de sofrer sempre da irradiação desta experiência” e que “a partir do momento em que se celebra uma experiência, tentando retê-la, mesmo que seja numa canção, ela desvanece-se.” (MOLDER, 2011, p. 43) Depois, em vários de seus livros expande os sentidos de uso dessas operações críticas para sua inespecífica maneira de proceder, basta ver e ler, como exemplo, livros mais diretamente vinculados a Benjamin, como **Semear na neve: estudos sobre Walter Benjamin**, publicado em 1999, ou os que passeiam raspando, mas sempre de modo imanente, no procedimento do crítico em livros como **O absoluto que pertence à terra**, de 2005, em torno de Hermann Broch, ou em **Depósitos de pó e folha de ouro**, publicado no Brasil em 2016.

Dessa maneira, toma-se como ponto de começo a essa pesquisa e a esse estudo, um *começar*, um disparador sempre político, entre esses três leitores de Walter Benjamin – os portugueses João Barrento e Maria Filomena Molder e o argentino-brasileño Raúl Antelo –, numa virtualização de leitura, de leitor / leitores, aqui também a serem relidos como se compusessem uma *comunidade* quase imprevista. Importante salientar que se entende, ou que se pretende perceber aí, nessa comunidade, um arremesso a outras possibilidades de articulação que é, também, o que se pode pensar como “um resíduo significante” e “uma projeção de sombra nos crivos” (ANTELO, 2010, p. 23): uma reexposição ou uma disposição ao que seria apenas um “regard” (um olhar) até uma dispersão pasmada entre um “retard” (um atraso) e o “hasard” (o acaso). Daí que o conceito de *infralève*, recuperado por Raúl Antelo do artista francês Marcel Duchamp, a partir do contato deste com a artista brasileira Maria Martins, tratado em seu livro **Maria com Marcel – Duchamp nos trópicos** (2010), passa a ser tão importante nessa perspectiva que procuramos reabrir aqui. E isto a partir do gesto do leitor e da leitura que projetam a impressão do pensamento e do procedimento de Walter Benjamin virtualizados criticamente noutra língua, no caso, o português, e noutros contextos sócio-

culturais, casos do Brasil, Portugal e, com alguma expansão, em algo da América Latina, por causa dos interesses diversos de Raúl Antelo.

Esse conceito de Duchamp, grosso modo, uma espécie de “economia da dispersão e do gasto, assim como uma separação da matéria” (ANTELO, 2010, p. 17), sobrelevando-se, num engendramento, em torno de Benjamin, arma, num ajuntamento e num confronto desses leitores e dessas leituras, um *dissensus* naquilo que se equilibra simultaneamente entre a importância das *formas* e as transformações e metamorfoses que as desfazem, procedimento que pode ser entendido como uma força ou, ampliando o jogo, umas *forças*; uma espécie de movimento perseverante, imparável e político que imagina um *pôr-se à prova*, logo *pôr-se à vida com força*, ao invés de *pôr-se em forma*. Pode-se estender o sentido até a ideia de uma restituição que tome a leitura crítica de uma obra fundamental para a modernidade, como um todo mas nunca totalizante, numa escassez da *forma* para torná-la cada vez mais estrangeira a cada tempo e menos exata o tempo inteiro. O que sugere, se estamos numa substituição do olhar pelo atraso, que se possa ler também uma esferologia elíptica e espiralada do *anacronismo* na tarefa política que cada um desses leitores busca cumprir diante de Walter Benjamin. Isto pode ser, como indica o próprio Benjamin, desta vez o leitor de Bachofen (num texto sobre este último, de 1924), mover-se num pensamento propulsor, como uma *força*, e nunca como uma *forma*, contra as perspectivas do estado técnico e mecanizado daquele mundo que ainda se vincula indefinidamente ao mundo atual, que “as imagens são almas, quer sejam almas de coisas, quer sejam almas de seres humanos” (BENJAMIN, 2013, p. 118); ou seja, uma tentativa de ler nas imagens de um passado remoto os elementos diferidos que lhes atribuem a emergência de interdição utópica no presente, uma utopia irremediável, que ainda pode ser um futuro fabuloso de força. E isto, no gesto singular da leitura, por exemplo, possibilita criar *forças de existência* numa aventura ao contrário daquilo que se estabelece fixamente, já frase feita a todos os lados, como *formas de resistência*, e que não infere mais nenhuma advertência ou alteração a nada porque tudo já lhe é idêntico. Assim, ler no leitor e não apenas no autor; ler na leitura, ler com a leitura para expandir, radicalmente, todo “atraso originário”. (ANTELO, 2010, p. 19)

O propósito deste estudo modula-se, assim, numa tentativa de articular, como possibilidade política e teórico-conceitual, uma seriação imprevista da leitura crítica que os três críticos e pensadores referidos fazem de Walter Benjamin entre a língua portuguesa, algo das literaturas portuguesa e brasileira e a América Latina. Perseguindo um vórtice entre ideias descentralizadoras que vêm, primeiro, de procedimentos de “montagem aguda”, “proximidade absoluta” e “olhar com todo o corpo” que se projetam no presente entre a crítica e a imaginação para reler a proposição de uma recusa obstinada de todas as forças de homogeneização e de não-reconciliação, sugeridas por Walter Benjamin, para confrontar alguma inferência de nosso contemporâneo imediato quase sempre inserido num modelo

cultural que tende a subjugar a literatura e a arte aos sintomas da indústria e suas regras de fabricação. Interessa assim, nesse percurso de trabalho, pesquisa e estudo, reler e rearticular alguns procedimentos de Walter Benjamin que se desdobram no pensamento crítico e nos trabalhos desses seus três leitores para, sobremaneira, tensionar também o espaço-tempo do presente com a espessura de uma ficção-crítica, entre excesso e exceção, e de algumas imagens e memórias que cada um remonta na composição do que podemos tomar como elaboração possível de uma *geografia imaterial* e de uma *arqui-filologia* que se contraponham aos usos absolutos e inflacionados das línguas e das imagens em seus estatutos nacionais de fronteira e em suas memórias institucionalizadas, fixas e manipuladoras.

A escolha do tema gira em torno de minhas preocupações constantes como pesquisador com os desdobramentos do pensamento crítico de Walter Benjamin em língua portuguesa e seus desdobramentos entre literatura, arte e política. Por isso, como trajetória, desde o ensino da graduação que se seguiu numa formação dobrada em Filosofia e com mais da metade do curso de Letras realizado, minhas pesquisas giram a partir da pertinência dessa composição, haja visto o projeto recentemente aprovado pelo CNPq, como bolsista de produtividade PQ2, que apresenta essa sugestão entre o que se pode ler com Walter Benjamin entre os desdobramentos e contágios transdisciplinares desses respectivos campos das humanidades.

Entende-se que a investigação proposta neste projeto de pesquisa que ora se apresenta, como questão aberta, não só confirma meu percurso, também como professor há 30 anos, entre o ensino fundamental, médio e universitário (este há exatos 22 anos) e, agora, atuando na Escola de Letras da UNIRIO, que tem como política pedagógica em seu fluxograma obrigatório um intenso trânsito entre os campos da arte, da filosofia, da literatura, da política, do audiovisual etc. Costumo ministrar as disciplinas de *Geografias da Escrita, Políticas da Literatura e das Artes* e os cursos de Literatura Brasileira e Portuguesa, sempre tentando produzir esse enfrentamento, numa abertura de possibilidades de ação e preparação responsável também para a atividade docente.

3. OBJETIVOS / RESULTADOS ESPERADOS

O objetivo geral deste projeto de pesquisa e estudo é investigar na bibliografia de três leitores importantes de Walter Benjamin, já apresentados no item anterior – João Barrento, Maria Filomena Molder e Raúl Antelo – alguns procedimentos do pensamento do filósofo alemão fundamentais aos estudos da crítica da modernidade, e que se apresentam rigorosamente modulados em seus trabalhos sob a perspectiva *infraleve*, daquilo que vem anacronicamente entre *arqui-filologia*, *inaparência* e *imaterialidade*, nas releituras que cada um procura fazer para rearmar certas perspectivas do presente entre a literatura, a arte e a

política.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Colaborar com as pesquisas transdisciplinares nesse limiar entre literatura, artes e política, procurando atribuir outras possibilidades críticas a partir da dimensão da leitura e do leitor figuradas nos três pensadores objetos de trabalho;
- Analisar as relações e tensões entre os procedimentos e o pensamento de cada um dos três leitores de Walter Benjamin aqui referidos e as formulações que recuperam do pensador alemão;
- Buscar expandir as relações entre literatura, arte e política, assim como na tentativa de rever “estratégias” de estabelecimento de tradições nas formas de ler alguns autores;
- Divulgar os resultados da pesquisa e do estudo, ao final, em livro, e também com artigos científicos em revistas Qualis nacionais e estrangeiras; além de promover cursos na graduação e na pós-graduação a partir dos resultados obtidos;

4. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

01 DE ABRIL DE 2020 A 01 DE ABRIL DE 2023 [3 ANOS]

ABRIL 2020 / MARÇO DE 2021

- Leitura e releitura de textos e aspectos essenciais da bibliografia crítica e teórica necessária para o desenvolvimento da pesquisa e do estudo.
- Elaboração e realização de um PRIMEIRO seminário a partir do tema da pesquisa.

ABRIL 2021 / MARÇO DE 2022

- Notas tomadas a respeito de cada um dos três leitores de Walter Benjamin referidos neste projeto, propondo perspectivas de leitura e releitura entre recepção, análise e comparação.
- Elaboração e realização de um SEGUNDO seminário a partir do tema da pesquisa.
- Proposta de minicursos ou seminários para Graduação e/ou Pós-Graduação na UNIRIO.
- Realização de entrevista com Raúl Antelo acerca de seu trabalho e procedimentos críticos, a ser gravada e filmada para, em circunstâncias posteriores, ser transformada em parte de um pequeno documentário em vídeo sobre a pesquisa.

ABRIL 2022 / MARÇO DE 2023

- Viagem para Lisboa a ser custeada pelo pesquisador, mesmo se a pesquisa prosseguir sem o financiamento de uma agência de fomento, para ampliação

do sentido do estudo, tendo em vista que João Barrento e Maria Filomena Molder residem naquela capital portuguesa.

→ Realização de entrevista com os críticos e pensadores portugueses referidos também acerca de seu trabalho e procedimentos críticos, gravadas e filmadas para, em circunstâncias posteriores, fazerem parte de um pequeno documentário em vídeo sobre a pesquisa.

→ Desenvolvimento da pesquisa a partir do convívio com as inferências da realidade cultural portuguesa e a importância da presença crítica dos dois pensadores referidos neste projeto.

→ Redação final dos resultados da pesquisa, organizado edição ilustrada a ser publicada como montagem final.

→ Entrega de relatório final e, em momento posterior, publicação dos resultados da pesquisa em livro.

5. METODOLOGIA E EXEQUIBILIDADE

Trata-se de um projeto para pesquisa e estudo com investigação bibliográfica e leitura crítica dos trabalhos dos três críticos e pensadores referidos – João Barrento, Maria Filomena Molder e Raúl Antelo –, a partir das leituras que desenvolvem em seus trabalhos, muito mais como releitura e procedimento, do pensador alemão Walter Benjamin. Tem-se aí uma disposição teórica que retoma algumas proposições da modernidade entre Portugal e Brasil, expandindo-se um pouco até a América Latina, para que se cumpra um levantamento de certos conceitos e imagens que se reconfiguram nessas leituras, assim como o caráter político da inferência modulada das perspectivas traçadas, criticamente, por Benjamin. O que se pretende é, metodologicamente, avançar nas questões que tratam da leitura crítica também como uma incorporação de procedimento e, principalmente, nos modos de uso e incorporação de certas questões dispostas e reposicionadas entre as ideias da arqui-filologia, de uma geografia imaterial e de uma memória inaparente.

Essa metodologia incorre sobre uma colisão de tempos – entre a modernidade de Walter Benjamin e alguns de seus leitores, de língua portuguesa, que procuram refazer o seu pensamento no presente, agora, numa sugestão para o contemporâneo, numa modulação entre literatura, arte e política. A ideia é contribuir com as leituras críticas do presente e com os modos de uso e leitura de Benjamin em nossa língua e algumas de suas zonas de contato.

Por fim, a partir da pesquisa e do estudo, participar efetivamente das atividades a serem desenvolvidas na UNIRIO e, principalmente, levantar dados, fazer entrevistas com os críticos referidos e elaborar ensaios críticos para compor a investigação como resultado final tendo em vista que o projeto consiste basicamente em pesquisa bibliográfica efetuada sobre os textos do pensador alemão

e seus três leitores indicados e também de uma série de estudos de outros textos críticos como aporte teórico.

6. Bibliografia dos autores

* JOÃO BARRENTO

Livros

BARRENTO, João. **Fausto na Literatura Europeia**. Lisboa, Apáginastantas, 1984 (com VV. Autores).

_____. **O Espinho de Sócrates**. Modernismo e Expressionismo. Lisboa, Presença, 1987.

_____. **A Poesia do Expressionismo Alemão**. Lisboa, Presença, 1989.

_____. **Goethe. Vida, Obra, Época / Goethe em Portugal**. Lisboa, Círculo de Leitores, 1991.

_____. **A Palavra Transversal. Literatura e Ideias no Século XX**. Lisboa, Cotovia, 1996.

_____. **Uma Seta no Coração do Dia. Crónicas**. Lisboa, Cotovia, 1998.

_____. **Nelken und Immortellen. Portugiesische Literatur der Gegenwart [Cravos e Sempre-Vivas. A literatura portuguesa contemporânea]**. Berlim, edition tranvía, 1999.

_____. **A Chama e as Cinzas. Um quarto de século de literatura portuguesa (1974-2000)**. Lisboa, Bertrand, 2016.

_____. **A Espiral Vertiginosa**. Ensaio sobre a cultura contemporânea. Lisboa, Cotovia, 2000.

_____. **Umbrais. O Pequeno Livro dos Prefácios**. Lisboa, Cotovia, 2000.

_____. **O Poço de Babel. Para uma poética da tradução literária**. Lisboa, Relógio d'Água, 2002.

_____. **Ler o Que Não Foi Escrito**. Conversa inacabada entre Walter Benjamin e Paul Celan. Lisboa, Cotovia, 2005.

_____. **A Escala do Meu Mundo**. Lisboa, Assírio & Alvim, 2006.

_____. **O Arco da Palavra. Ensaio**. S. Paulo, Editora Escrituras, 2006.

_____. **Na Dobra do Mundo. Escritos Ilansolianos**. Lisboa, Mariposa Azul, 2008.

_____. **O Género Intranquilo. Anatomia do ensaio e do fragmento**. Lisboa, Assírio & Alvim, 2010.

_____. **O Mundo Está Cheio de Deuses**. Crise e crítica do contemporâneo. Lisboa, Assírio & Alvim, 2011.

_____. **Do Peso e da Leveza. A palavra da poesia**. Rio de Janeiro, Lumme, 2013. (Coleção MóBILE)

_____. **Limiares. Sobre Walter Benjamin**. Florianópolis, Editora da UFSC, 2013.

_____. **Geografia Imaterial. Três ensaios sobre a poesia** (com fotografias de Vina Santos). Lisboa, Documenta, 2014.

_____. **Como um Hiato na Respiração**. Diário do dia seguinte. Lisboa, Averno, 2015.

_____. **Goethe, o eterno amador** [monografia]. Lisboa, Bertrand, 2017.

Traduções

Autores de língua alemã, desde o Barroco, em particular poesia moderna e contemporânea (com destaque para os Expressionistas alemães, Georg Trakl, Else Lasker-Schüler, Gottfried Benn), Paul Celan (3 vols.), Ingeborg Bachmann, Johannes Bobrowski, H. M. Enzensberger; e ainda Goethe (Fausto, Ifigénia, Torquato Tasso, Viagem a Itália, prosa narrativa e científica, poesia: total de 7 volumes), Lessing (Emília Galotti), Hölderlin, Adelbert von Chamisso, Kleist, Novalis, G. Büchner, C. D. Grabbe, Hugo von Hofmannsthal, Frank Wedekind, Kafka, Musil (As Perturbações do Pupilo Törless [2005] e O Homem sem Qualidades [3 vols., 2008-09]), Peter Handke, Thomas Bernhard, F. Dürrenmatt, Christa Wolf, Heiner Müller; e também os filósofos

Max Stirner, Giorgio Agamben e Walter Benjamin (Obras, 7 vols., em curso de publicação, Assírio & Alvim, Lisboa; e Autêntica Editora, Belo Horizonte, Brasil).

* MARIA FILOMENA MOLDER

Livros

- MOLDER, Maria Filomena. **A Filosofia e o Resto**. Lisboa, Edições Colibri, 1996.
- _____. **Matérias sensíveis**. Lisboa, Relógio D'Água, 1999.
- _____. **O pensamento morfológico de Goethe**. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1995.
- _____. **Murmúrios do tempo**. Lisboa, Ministério da Cultura, 1997.
- _____. **Semear na neve: estudos sobre Walter Benjamin**. Lisboa, Relógio D'Água, 1999.
- _____. **A imperfeição da Filosofia**. Lisboa, Relógio D'Água, 2003.
- _____. **O absoluto que pertence à terra**. Lisboa, Edições Vendaval, 2005.
- _____. **Símbolo, Analogia e Afinidade**. Lisboa, Edições Vendaval, 2010.
- _____. **O químico e o alquimista: Benjamin, leitor de Baudelaire**. Lisboa, Relógio D'Água, 2011.
- _____. **As Nuvens e o Vaso Sagrado: (Kant e Goethe : leituras)**. Lisboa, Relógio D'Água, 2014.
- _____. **Rebuçados Venezianos**. Lisboa, Relógio D'Água, 2016.
- _____. **Depósitos de pó e folha de ouro**. São Paulo, Lumme Editor, 2016.
- _____. **O Perseguidor Das Sombras**. São Paulo, Lumme Editor, 2016.
- _____. **Dia alegre dias pensantes dias fatais**. Lisboa, Relógio D'Água, 2017.
- _____. **Cerimónias**. Belo Horizonte, Chão da Feira, 2017.

Catálogos / Capítulos de Livro / Organização

- _____. (Cat.) **Casa de luz: colección Mário Teixeira da Silva**. 2004
- _____. (Cat.) **Mass and empathy: Antony Gormley**. 2004 (com Paulo Herkenhoff)
- _____. (Cap.) **Unterwegs, al paso de Walter Benjamin**: Madrid, Maia; La Coruña, Fundación Luis Seoane, 2009.
- _____. (Cat.) **Statua: desenhos e pinturas, Manuel Vilarinho**. Lisboa, Giefarte, 2014.
- _____. (Org.) **Paisagens dos confins: Fernando Gil**. Lisboa, Edições Vendaval, 2009.
- _____. **João Queiroz : encáusticas**. trad. José Gabriel Flores. Maia, Gráfica Maiadouro / Documenta, 2016.
- _____. (Cat.) **A lenda de São João Hospitaleiro de Flaubert**. Des. Amadeo de Souza-Cardoso. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Documenta, 2016.

* RAÚL ANTELO

Livros

- ANTELO, Raúl. **Literatura em revista**. São Paulo: Ática, 1984.
- _____. **Na ilha de Marapatá – Mário de Andrade lê os hispano-americanos**. São Paulo: Hucitec/INL, 1986.
- _____. **Objecto Textual**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1997.
- _____. **Algaravia: discursos de nação**. Florianópolis: Edufsc, 1998.
- _____. **Transgressão e Modernidade**. Ponta Grossa: UEPG, 2001.
- _____. **Potências da Imagem**. Chapecó: Argos, 2004.
- _____. **Tempos de Babel: Anacronismo e destruição**. São Paulo: Lumme Editor, 2007.
- _____. **Crítica acéfala**. Buenos Aires: Grumo, 2008.

- _____. **Ausências**. Florianópolis: Editora da Casa, 2009.
- _____. **Maria com Marcel: Duchamp nos Trópicos**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- _____. **Mas, onde fica a viagem?** Florianópolis: Cadernos NUER, 2011.
- _____. **Archifilologías latinoamericanas. Lecturas tras el agotamiento**. Córdoba: EDUVIM, 2015.
- _____. **A ruinologia**. Desterro: Cultura e Barbárie, 2016.
- _____. **Imágenes de América Latina**. Sáenz Peña: Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2014.
- _____. **Roland Barthes y el método rapsódico**. Sáenz Peña: Univ. Nacional de Tres de Febrero, 2016.

Organização

- _____. [Org.]. **Parque de diversões – Aníbal Machado**. Belo Horizonte: UFMG, 1994.
- _____. [Org.]. **Identidade e Representação**. Florianópolis: EdUFSC, 1994.
- _____. et al [Org.]. **Declínio da arte, ascensão da cultura**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1998.
- _____. et al [Org.]. **Leituras do Ciclo**. Florianópolis: Grifos/Abralic, 1999.
- _____. [Org.]. **Oliverio Gironde – Obra completa**. Madrid et al: ALLCA XX, 1999.
- _____. [Org.]. **Crítica e Ficção**. Florianópolis: EdUFSC/Capes, 2005.
- _____. [Org.]. **Crítica e Ficção, ainda**. Florianópolis: EdUFSC/Capes, 2006.
- _____. et al [Org.]. **Pós-Crítica**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007.

Textos em Periódicos / Capítulos de Livro

- _____. *Fins do moderno*. In: Revista Travessia. n. 31. Florianópolis, EdUFSC, 1996.
- _____. *Extimidade*. Boletim de Pesquisa NELIC, v. 9, número 14, 2009.
- _____. *Sobrevivências*. In: Revista Lado 7. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.
- _____. *Para una archifilología latinoamericana*. In: Cuadernos de Literatura, v. XVII, p. 253-281, 2013.
- _____. *Autonomia, pós-autonomia, an-autonomia*. In: Qorpus, v. 1, p. 1, 2013.
- _____. *Benjaminiano, pobre e pós-moderno*. In: Cadernos de Estudos Culturais, v. 6, p. 95-104, 2014.
- _____. *O arquivo e o deslocamento dos usos da tradição*. In: Bólide. Revista de Literatura e Arte, v. 1, p. 46-57, 2014.
- _____. *O ensaio pós-literário*. In: Travessia (UFSC), v. 17, p. 81-98, 2014.
- _____. *Carl Einstein: desativar a autonomia*. In: Patricia Peterle; Andrea Santurbano, Maria Aparecida Barbosa. (Org.). Coleções literárias. 1ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014, v. , p. 35-48.
- _____. *El tiempo de una imagen: el tiempo-con*. In: Cuadernos de literatura En Catálogo, v. 19, p. 376-399, 2015.
- _____. *A cena arqui-filológica*. In: Antonio Andrade; Elena Palmero González; Luciana Almeida de Freitas; Silvia Cárcamo. (Org.). Caminhos do hispanismo: vozes críticas, tendências teóricas. 1ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015, v. , p. 98-115.
- _____. *A pesquisa é uma escrita autonomamente real*. In: Vitor Cei; João Guilherme Dayrell; Michel Mingote Ferreira de Azara. (Org.). A literatura e a vida: por que estudar literatura? 1ed. Vila Velha: Praia Editora/RCG, 2015, p. 14-53.
- _____. *Ensaio crítico, vanguarda e intelectualidade? Guerreiro Ramos, o não contemporizador*. In: Ilha - Revista de Antropologia, v. 18, p. 15-40, 2016.
- _____. *Institucionalização e disseminação*. In: Crítica Cultural, v. 11, p. 13-27, 2016.
- _____. *Arqui-filologias do obscuro (ou quem conta história de dia cria rabo de cotia)*. In: Revista Letras, v. 94, p. 12-24, 2016.

_____. *Ler para frustrar a formalização*. In: Heidrun Krieger Olinto; Karl Erik Schollhammer; Mariana Simoni. (Org.). *Literatura e artes na crítica contemporânea*. 1ed. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016, v. , p. 283-297.

_____. *O contemporâneo pré-figurado*. In: Artur Freitas; Clóvis Gruner; Paulo Reis; Rosane Kaminski; Vinícius Honesko. (Org.). *Imagem, narrativa e subversão*. 1ed. São Paulo: Intermeios, 2016, v. , p. 35-54.

_____. *Interrupción, más allá de la continuidad. Estudios de Teoría Literaria*. In: Revista Digital: artes, letras y humanidades, v. 11, p. 27-38, 2017.

7. Bibliografia expandida, inicial

AGAMBEN, Giorgio. **Ideia da Prosa**. Trad. João Barrento. Lisboa, Cotovia, 1999.

_____. **Infância e História**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte, EdUFMG, 2005.

_____. **Profanações**. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **Notas sobre o gesto**. In: *Artefilosofia*, Ouro Preto, n 4, p. 09-14, jan. 2008.

_____. **Estâncias**. Trad. Selvino J. Assman. Belo Horizonte, EdUFMG, 2007.

_____. **Meios sem fim**. Trad. Davi Pessoa. Autêntica, Belo Horizonte, 2015.

_____. **O tempo que resta – Um comentário à ‘Carta aos Romanos’**. Trad. Davi Pessoa e Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

_____. **O fogo e o relato – ensaios sobre criação, escrita, arte e livros**. Trad. Andrea Santurbano e Patricia Peterle. São Paulo: Boitempo, 2018.

_____. **Estado de exceção**. Trad. Iraci Poleti. São Paulo, Boitempo, 2004.

_____. **O homem sem conteúdo**. Trad. Cláudio Oliveira. Belo Horizonte, Autêntica, 2012.

_____. **Nudez**. Trad. Davi Pessoa. Belo Horizonte, Autêntica, 2014.

_____. **A potência do pensamento**. Trad. Antonio Guerreiro. Belo Horizonte, Autêntica, 2015.

ALTER, Robert. **Anjos necessários: tradição e modernidade em Kafka, Benjamin e Scholem**. Trad. André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

ARENDT, Hannah. **A dignidade da política**. Trad. Antonio Abranches et al. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1993.

_____. **Homens em tempos sombrios**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

_____. **A promessa da política**. Trad. Pedro Jorgensen Junior. São Paulo, Difel, 2012.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. António Gonçalves. Lisboa, Edições 70, 1987.

_____. **O neutro**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

_____. **O grão da voz**. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

BATAILLE, Georges. **A experiência interior**. Trad. Cláudio L. Coutinho, Magali Montagné, Antonio Ceschin. São Paulo, Ática, 1992.

_____. **A literatura e o mal**. Trad. António Borges Coelho. Lisboa, Vega, 1998.

_____. **La conjuración sagrada: ensayos 1929-1939**. Trad. Silvio Mattoni. Buenos Aires, Adriana Hidalgo Ed., 2008.

_____. **La felicidad, el erotismo y la literatura: ensayos 1944-1961**. Trad. Silvio Mattoni. Buenos Aires, Adriana Hidalgo Ed., 2008a.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1984.

_____. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo, Brasiliense, 1985. (Obras Escolhidas; v. 1)

_____. **Rua de Mão Única**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 5. ed. São Paulo, Brasiliense, 1991. (Obras Escolhidas; v. 2)

_____. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. 1. ed. São Paulo, Brasiliense, 1991. (Obras Escolhidas; v. 3)

- _____. **Diário de Moscou**. Trad. Hildergard Herbold. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- _____. **Histórias e contos**. Trad. Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1992.
- _____. **O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão**. Trad. Marcio Selligmann-Silva. São Paulo, Iluminuras, 1999.
- _____. **Imagens de Pensamento**. Trad. João Barrento. Lisboa, Assírio e Alvim, 2004.
- _____. **A modernidade**. Trad. João Barrento. Lisboa, Assírio e Alvim, 2006.
- _____. **Passagens**. Org. Willi Bolle. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte, Editora UFMG; São Paulo, Imprensa Oficial, 2006.
- _____. **O anjo da história**. Trad. João Barrento. Lisboa, Assírio e Alvim, 2008.
- _____. **Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe**. Trad. Mônica Krausz Bornebusch et al. São Paulo, Ed. 34, 2009.
- _____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Trad. Marcus Vinícius Mazzari. São Paulo, Ed. 34, 2002.
- _____. **Escritos sobre mito e linguagem**. Trad. Susana Kampf. São Paulo, Ed. 34, 2011.
- _____. **Origem do drama trágico alemão**. Trad. João Barrento. Belo Horizonte, Autêntica, 2011.
- _____. **O capitalismo como religião**. Trad. Michael Löwy. São Paulo, Boitempo, 2013.
- _____. **Rua de mão única, Infância Berlimense: 1900**. Trad. João Barrento. Belo Horizonte, Autêntica, 2013.
- _____. **A hora das crianças**. Trad. Aldo Medeiros. Rio de Janeiro, Nau Editora, 2015.
- _____. **Linguagem, tradução, literatura**. Trad. João Barrento. Lisboa, Assírio e Alvim, 2015.
- _____. **Ensaio sobre literatura**. Trad. João Barrento. Lisboa, Assírio e Alvim, 2016.
- _____. **História da literatura e ciência da literatura**. Trad. Helano Jader / Posfácio. Manoel Ricardo de Lima. Rio de Janeiro, 7Letras, 2016.
- _____. **Ensaio sobre Brecht**. Trad. Claudia Abeling. São Paulo, Boitempo, 2017.
- _____. **Estética e sociologia da arte**. Trad. João Barrento. Belo Horizonte, Autêntica, 2017.
- _____. **Benjamin e a obra de arte – técnica, imagem, percepção**. Trad. Marijane Lisboa. Rio de Janeiro, Contraponto, 2012.
- _____. **Archivos de Walter Benjamin – fotografias, textos y dibujos**. Madrid, Circulo de Bellas Artes, 2010.
- BENJAMIN, Andrew e OSBORNE, Peter (orgs.). **A filosofia de Walter Benjamin: destruição e experiência**. Trad. Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997
- BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita 1 – a palavra plural**. Trad. Aurélio Guerra Neto. São Paulo, Escuta, 2001.
- _____. **A conversa infinita 2 – a experiência limite**. Trad. João Moura Jr. São Paulo, Escuta, 2007.
- _____. **A parte do fogo**. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
- BUCK-MORSS, Susan. **Dialética do Olhar – Walter Benjamin e o Projeto das Passagens**. Trad. Ana Luiza Andrade. BH/Chapécó, EdUFMG/Argos, 2002.
- D'ANGELO, Martha. **Arte, educação e política em Walter Benjamin**. São Paulo, Loyola, 2006.
- DEGUY, Michel. **Reabertura após obras**. Trad. Marcos Siscar e Paula Glenadel. Campinas, EdUnicamp, 2011.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo, editora 34, 1992.
- _____. **Crítica e Clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo, Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Por uma literatura menor**. Trad. Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Tradução Maria Beatriz Marques. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Debates)
- _____. **Memórias de cego – o auto-retrato e outras ruínas**. Trad. Fernanda Bernardo. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

- _____. **O mal de arquivo**. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001.
- _____. **Força de lei**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, Martins Fontes, 2007.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Coisa pública, coisa dos povos, coisa plural* In **A República por vir – Arte, Política e Pensamento para o século XXI**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- _____. **La imagen mariposa**. Trad. Juan José Lahuerta. Barcelona, Muditó & Co, 2007.
- _____. **La imagen superviviente**. Trad. Juan Calatrava. Madrid, Abada Editores, 2009.
- _____. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2011a.
- _____. **Quando las imágenes toman posición**. Trad. Inés Bértolo. Madrid, A. Machado Libros, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos II – Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro, Forense, 2000.
- _____. **Ditos e escritos III – Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro, Forense, 2001.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Walter Benjamin: os cacós da história**. São Paulo, N-1, 2-018.
- _____. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo, 34, 2006.
- _____. **Limiar, aura e rememoração – ensaios sobre Walter Benjamin**. São Paulo, 34, 2014.
- GIL, José. **Sem título: escritos sobre arte e artistas**. Lisboa, Relógio D'Água, 2005.
- KRACAUER, Sigfried. **O ornamento da massa**. Trad. Carlos Eduardo J. Machado et al. São Paulo, Cosac Naify, 2009.
- KONDER, Leandro. **Walter Benjamin – o marxismo da melancolia**. São Paulo, Campus, 1989.
- LAGES, Susana Kampff. **Walter Benjamin - Tradução e Melancolia**. São Paulo, EdUSP, 2002.
- LÖWY, Michael. **A estrela da manhã – surrealismo e marxismo**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.
- _____. **Walter Benjamin – aviso de incêndio**. São Paulo, Boitempo, 2005.
- LUKÁCS, Georg. **Sociologia – textos**. Trad. José Paulo Netto. São Paulo, Ática, 1981. MALLARMÉ, Stéphane. **Divagações**. Trad. Fernando Scheibe. Florianópolis, Ed. da UFSC, 2010.
- _____. **Œuvres Complètes**. França: Gallimard, 1945.
- MACHADO, Francisco de Ambrosio Pinheiro. **Imanência e História – a crítica do conhecimento em Walter Benjamin**. Belo Horizonte, EdUFMG, 2004.
- MANGUEL, Alberto. **Uma historia de la lectura**. Buenos Aires, Siglo Veintiuno Editores, 2014.
- MISSAC, Pierre. **Passagem de Walter Benjamin**. São Paulo, Iluminuras, 1998.
- MONTAIGNE. *Ensaio* In **Os pensadores**. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- MURICY, Katia. **Benjamin – alegorias da dialética**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1998.
- NANCY, Jean-Luc. **O pensamento despojado**. Trad. Eclair Almeida Filho et al. São Paulo: Lumme, 2015.
- NOVARINA, Valére. **Diante da palavra**. Trad. Ângela Leite Lopes. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- PALHARES, Taisa Helena Pascale. **Aura – a crise da arte em Walter Benjamin**. São Paulo, Barracuda, 2006.
- PERNIOLA, Mario. **Desgostos – novas tendências estéticas**. Trad. Davi Pessoa. Florianópolis, EdUSFC, 2010.
- _____. **Ligação Direta – estética e política**. Trad. Davi Pessoa. Florianópolis, EdUSFC, 2011.
- PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ROCHLITZ, Rainer. **O desencantamento da arte – a filosofia de Walter Benjamin**. Bauru-SP, EdUSC, 2003.
- SARLO, Beatriz. **Sete ensaios sobre Walter Benjamin e um lampejo**. Trad. Joana Angélica D'Ávila Melo. Rio de Janeiro, UFRJ, 2013.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Ler o livro do mundo – Walter Benjamin: romantismo e crítica literária**. São Paulo, Iluminuras, 1999.

SLOTTERDIJK, Peter. **Esferas I. [Microsferología] Burbujas**. Trad. Isidoro Reguera. Madrid: Ediciones Siruela, 2009.

_____. **Esferas II [Macrosferología] Globos**. Trad. Isidoro Reguera. Madrid: Ediciones Siruela, 2004a.

_____. **Esferas III [Esferología plural]. Espumas**. Trad. Isidoro Reguera. Madrid: Ediciones Siruela, 2009.

_____. **Has de cambiar tu vida**. Trad. Pedro Madrigal. Valencia: Pre-textos, 2012.

SONTAG, Susan. **Sob o signo de saturno**. Trad. Ana Maria Capovilla e Albino Poli Jr. Porto Alegre, L&PM, 1986.

VALÉRY, Paul. **Variedades**. Org. João Alexandre Barbosa. Trad. Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1999.

VIRILIO, Paul. **Velocidade e Política**. Trad. Celso M. Paciornik. São Paulo, Estação Liberdade, 1996.

WARBURG, Aby. **El renacimiento del paganismo**. Trad. Felipe Pereda et al. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

_____. **Atlas Mnemosyne**. Trad. Joaquín Chamorro Mielke. Madrid: Akal, 2010.

_____. **El ritual de la serpiente**. Trad. Joaquín Etorena Homaèche. Madrid: Sexto Piso, 2008.

WEIL, Simone. **A fonte grega**. Trad. Felipe Jarro. Lisboa: Cotovia, 2006.

_____. **A gravidade e a graça**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WITTE, Bernd. **Walter Benjamin – uma biografia**. Trad. Romero Freitas. Belo Horizonte, Autêntica, 2017.

WIZISLA, Erdmut. **Benjamin e Brecht - história de uma amizade**. Trad. Rogério Silva Assis. São Paulo, EdUSP, 2013.

ZAMBRANO, María. **A metáfora do coração e outros escritos**. Trad. José Bento. Lisboa: Assírio e Alvim, 2000.